

Leila Sucupira de Queiroga
Vitória Raquel de Oliveira

A avaliação do ensino na escola pública:

Mecanismo de inclusão ou exclusão

Cajazeiras-PB, outubro de 2003

Leila Sucupira de Queiroga
Vitória Raquel de Oliveira

A avaliação do ensino na escola pública:

Mecanismo de inclusão ou exclusão

Monografia apresentada como requisito para
obtenção de grau no Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a
Elzanir dos Santos.

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Campus de Cajazeiras
Departamento de Educação

Cajazeiras-PB, outubro de 2003



- Q383a Queiroga, Leila Sucupira de.
A avaliação do ensino na escola pública: mecanismo de inclusão ou exclusão / Leila Sucupira de Queiroga, Vitória Raquel de Oliveira.- Cajazeiras, 2003.
45f.
- Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2003.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.
1. Avaliação escolar. 2. Ensino público. 3. Inclusão escolar. I. Oliveira, Vitória Raquel de. II. Santos, Elzanir dos. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 37.091.26

DEDICATÓRIA

Dedicamos essa conquista as nossas famílias, por todo apoio e incentivo, por construírem junto conosco esse trabalho, a nossa mestre Elzanir pela consciência profissional e participação efetiva na realização do mesmo e a Deus que nos concedeu mais esse presente em nossas vidas.

ÍNDICE

Introdução	4
Capítulo I	
Referencial Teórico	7
Capítulo II	
Metodologia	16
Capítulo III	
Compreensão dos docentes acerca da avaliação	20
Capítulo IV	
O desempenho docente na difícil tarefa de avaliar	27
Considerações Finais	36
Referências Bibliográficas	38
Anexos	41

Introdução

Este trabalho apresenta e analisa o delineamento da problemática relacionada a avaliação no cotidiano escolar, às especificidades, dificuldades, impasses e perspectivas que caracterizam tanto a compreensão dos docentes acerca da avaliação, quanto mais especificamente sob a operacionalização da avaliação em diferentes alunos respeitando as diferenças.

As concepções, crenças e pensamentos das professoras contempla nossa investigação e análise da avaliação no ensino público.

Desde logo, escolhemos trabalhar avaliação por ser esse um assunto bastante instigador para nós, sobretudo em uma sociedade pós-moderna onde a pedagogia exige uma postura moderna e geralmente se define resistente à inovação e a educação é vista como uma estratégia de transformação social.

Assim, a escolha do tema não foi algo ocasional ou sob influências indiretas, ao contrário desde o ensino fundamental que este passou a nos interessar, devido a forma, as técnicas que os professores usavam para nos avaliar. De início, isso nos causou certa indignação – os métodos utilizados para medir nossos conhecimentos – e desde então já refletíamos sobre as possibilidades de sucesso/fracasso dos alunos, sendo estes selecionados por professores que avaliam o nível de aprendizagem de cada educando em meio a um contexto tão diversificado de cultura, valores sociais, relações psico-afetivas e tanto outros fatos que se tornam imprescindíveis para uma avaliação formativa e reconstrutiva.

Isso porque já fomos vítimas do processo, da falta de interesse e de preparação dos professores da rede pública, sem mencionarmos a própria estrutura física e administrativa que contribui para esta afirmativa. Ou seja, a avaliação é um instrumento pedagógico necessário e de importância fundamental

para uma aprendizagem significativa, desde que o educador saiba introduzi-la em sua sala de aula a fim de encaminhar o aluno na construção do que se almeja.

Em síntese, foi a partir dessas reflexões que construímos o nosso trabalho investigando quais os métodos e instrumentos de avaliação aplicados pelas professoras da escola pública; indagando sobre o efeito da avaliação na formação dos alunos e ainda pesquisando o que as professoras compreendiam por finalidades da avaliação. Procuramos realizar um trabalho crítico onde discutimos a avaliação da aprendizagem dentro de um contexto educacional apadrinhado e enraizado por uma origem histórica de influências políticas que moldam e redefinem a estrutura social.

Foi a reflexão sobre esses aspectos que nos aponta para as possíveis contribuições que este trabalho pode levar a todos que tiverem acesso e principalmente a nós responsáveis pela concretização desse projeto.

A importância desse estudo se deve ao fato dele possibilitar uma reflexão acerca do tema desse projeto junto ao grupo de professoras selecionadas para o estudo, e conseqüentemente de todos os educadores que tiverem acesso a esse trabalho, como também a um reposicionamento nosso em relação a avaliação. Que a partir da realização desse estudo possamos repensar avaliação não como um meio de classificar os alunos, mas uma ponte para superar o erro e as dificuldades deles, com o propósito de lhes assegurar um ensino de qualidade.

Capítulo I

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação num sentido amplo cumpre a função de socialização e humanização dos homens. O homem desde sua formação tem voltado sua preocupação para a aquisição de conhecimentos e a transmissão desses conhecimentos para as novas gerações, como acontecia nas sociedades primitivas, mas com o desenvolvimento da humanidade esses processos de educação e socialização foram se modificando para atender as novas exigências das novas sociedades industriais onde o objetivo da educação passa a ser formar para a vida pública e o mercado de trabalho, através da escola. Nesta os conteúdos são trabalhados de forma sistemática e sua formação conservadora garante a reprodução dos valores da elite econômica a outras instâncias como a família, os meios de comunicação, a vida social, etc.

A escola reproduz esses valores impondo sua ideologia através da transmissão de conhecimentos, rituais e idéias. Sendo que os alunos incorporam isso mediante a posição social que ocupa, aceitando como um fato natural, inevitável, simplesmente porque a economia determina a sociedade. Assim, como não são todos os que conseguem passar por todo esse processo de aquisição de conhecimentos repassado pelas escolas e que conseqüentemente são incluídos na vida pública. As escolas trabalham com uma atividade de controle que visa selecionar – a avaliação – instrumento de poder que inclui os mais preparados e exclui os que não apresentam condições, é um fator que foi e continua sendo um importante objeto de análise e questionamentos dentro da escola. Isso vai ao encontro que Esteban (1999) aborda:

A primeira notícia que temos de exame nos é trazida por Weber quando se refere ao uso pela burocracia chinesa, nos idos de 1200 a.c, para selecionar, entre sujeitos do sexo masculino, aqueles que seriam admitidos no serviço público. Portanto o exame aparece não como uma questão educativa, mas como um instrumento de controle social... (p. 30)

Portanto, desde sua introdução no contexto escolar a avaliação se constitui para os alunos como um objeto em que eles focalizam sua preocupação em tirar notas boas não se interessando em aprender. Além de baixar a auto-estima dos educandos, incute-os no mundo da competição, não havendo aproveitamento e conseqüentemente nenhum aprendizado. Na realidade são as notas que nos garantem o acesso ao grau seguinte ou a habilitações exigentes. Na trajetória escolar, de acordo com essa realidade o aluno é levado a procurar a melhor forma possível de passar por esse sistema de notações, sem interessar-se por questionar, refletir, aprender, mas estudar somente para passar e tirar notas boas que os levem a passar de ano. Assim dentro dessa perspectiva Perrenoud (1999) nos aponta:

Após vários anos em tal regime, torna-se muito difícil despertar o interesse dos alunos pelo saber por si só, pelo sentido que ele dá a realidade, pelo enriquecimento pessoal que propicia, pela movimentação ou pela satisfação da mente que favorece. Todos os professores do mundo sabem que, quando propõem um trabalho, a primeira pergunta de seus alunos não é O que vai nos trazer? É importante, é interessante? Vamos aprender alguma coisa? Mas vale nota? Sabendo que, se a resposta for negativa, eles não julgarão útil despende esforços sobre-humanos... (p. 69)

É através desse mecanismo que professores e alunos com a avaliação convivem com a avaliação em sala de aula, onde seus conhecimentos e competências são medidas através de testes que aprovam ou reprovam o aprendizado dos alunos. No entanto seria injusto acusarmos a avaliação como a única responsável pelos altos índices de reprovação e de evasão escolar, pela falta de motivação de alunos e professores, das desigualdades de um processo violentamente excludente. As formas e os meios de ensinar, a grade curricular, os critérios utilizados para a formação do ensino, a didática conservadora e outros assuntos que implicam no planejamento escolar e no próprio projeto político-pedagógico da escola impede uma avaliação formativa e democrática através de pedagogias ativas e diferenciadas, inclusora e democrática, tal como Esteban nos faz refletir quando afirma que:

O exame por si só não pode resolver problemas produzidos em outras instâncias sociais, pois que, se a estrutura social é injusta, o exame não pode ser justo, por mais aperfeiçoado que seja ser. Assim também se não se investe na formação e atualização de professores, se não se estimula a pesquisa educacional em que se investiguem os processos de aprendizagem, considerando as condições objetivas e subjetivas dos alunos e alunas, não se pode melhorar os processos de aprendizagem. E é preciso não esquecer que se incluem salários justos e planos de carreira, nada de bom pode-se esperar da escola (...) (p. 43)

Em relação ao exposto, somos convidados a repensar que a educação está ligada a uma economia determinante contraposta a uma economia globalizante onde a escola acata suas ações reproduzindo um saber segundo interesses convincentes a essa política social-econômica, a própria escola nos demonstra isso quando prepara seus alunos de forma igual, sem levar em conta as diversidades. O cidadão hoje tem que ter um pluralismo de informações e funções para atender ao mercado de trabalho ao mesmo tempo em que a economia determina quem entra no mundo do trabalho, dessa forma a escola exclui quando trata de forma homogênea os que a constitui, principalmente os alunos das classes populares não desenvolvendo um pensamento crítico que os formem como cidadãos conscientes, reflexivos de suas atitudes e racionais do papel que pretendem exercer na sociedade.

Sabemos como é difícil implantar mudanças, reinventar conceitos, principalmente em se tratando de Educação Pública, porém poderia investir mais no professor, peça fundamental para a construção de valores e saberes dos alunos. O professor representa o modelo a ser seguido, o senhor do conhecimento. É por esse e outros motivos conceituais que se projeta no professor a responsabilidade de formar pessoas e agir como mediador do conhecimento. Mediante o exposto Cunha 1996 ainda nos aponta:

Outro aspecto que se entrelaça é a metodologia do professor. Um professor que acredita nas potencialidades do aluno, que está ocupado com sua aprendizagem e com seu nível de satisfação com a mesma, exerce práticas de sala de aula de acordo com esta posição. E isto também está indicado na relação professor-aluno. (p. 45)

Cabe ao professor viabilizar meios para que o aluno se forme e se informe. E em decorrência disso, a didática e a metodologia aplicada pelo docente são também fatores que tem levado estes a pensarem, provocando mudanças construtivas e ajudando no processo de interação professor/aluno. Assim é importante que o professor valorize o aluno, tratando-o como pessoa capaz de mudar, acreditando no seu potencial dando-lhe subsídios para desenvolvê-lo e capacitá-lo.

A partir dessas perspectivas, acreditamos em possíveis alterações no sistema avaliativo. Somos convictas que não existe uma forma certa de avaliar, mas caminhos que nos indiquem possibilidades de uma avaliação entre professores/alunos que seja condizente com a realidade da classe pública.

O sentido da avaliação está inserido no cotidiano escolar, na competência da escola, dos professores, na qualidade do ensino, principalmente o da rede pública, o qual direcionamos o nosso trabalho de pesquisa, como também as relações de poder que interferem diretamente na realidade da vivência escolar, na falta de preocupação da escola de integrar o processo pedagógico ao processo de avaliação. O nosso trabalho pretende despertar no professor o sentido da sua avaliação, fazendo-o refletir sobre qual poderia ser a melhor forma de avaliar seus alunos, enquanto pessoas expostas a uma situação econômica não favorável na sociedade repressora que vivemos.

Erro: fonte de castigo ou de virtude.

No passado, a nossa prática escolar utilizava-se dos castigos físicos para punir alunos que tinham uma conduta considerada errada pelos professores, hoje, a forma de castigar se manifesta de outras maneiras, não pelo castigo físico do aluno, mas atingindo a sua personalidade. Nessa perspectiva, vejamos o que Luckesi 2000 tem a dizer: “A visão culpada do erro na prática escolar tem conduzido ao uso permanente do castigo como forma de correção e direção da aprendizagem, tomando a avaliação como suporte da decisão.” (Luckesi, p. 48)

O erro na prática escolar desenvolve no educando uma compreensão culposa da vida, pois além de ser punido por outras pessoas, ele muitas vezes ainda sofre a autopunição. O que causa no futuro bastante trabalho psicológico para libertar crianças e jovens de suas ansiedades que foram transformadas em hábitos inconscientes.

De imediato, o castigo parece decorrer do fato de que o aluno não adquiri conhecimento, todavia, a questão do castigo é bem mais profunda. Sobre isso, Luckesi nos coloca:

A idéia e a prática do castigo decorrem da concepção de que as condutas de um sujeito aqui, no caso o aluno que não corresponde a um determinado padrão preestabelecido, merecem ser castigadas, a fim de que ele "pague" por seu erro e "aprenda" a assumir a conduta que seria correta. (Luckesi, p. 52)

A prática do cotidiano do castigo provoca a culpa no aluno, dos seus atos, e essa culpa gera uma limitação da vida e produz uma rigidez na conduta, o que em última instância, produz um autocontrole sobre os sentimentos, os desejos e os modos de agir de cada um.

Porém tanto o acerto ou o erro pode ser utilizado como fontes de virtude na aprendizagem escolar. O insucesso, não significa erro, ele serve como ponto de partida para a investigação ou para a busca da satisfação de uma necessidade prático-utilitária, ou seja, reconhecendo a origem do erro, podemos supera-lo e adquirir conhecimentos úteis para o nosso crescimento: *"O erro especialmente não deve ser fonte de castigo, pois é um suporte para a autocompreensão, seja pela busca individual (...), seja pela busca participativa (...). Assim sendo, o erro não é fonte para castigo, mas suporte para o crescimento."* (p. 58)

O conhecimento produzido pelo educando, num dado momento de sua vida, é um conhecimento em processo de superação o indivíduo aprimora sua forma de pensar o mundo a medida em que se depara com novas situações, novos desafio e formula suas hipóteses.

A avaliação da aprendizagem escolar está articulada com a questão do erro, da culpa e do castigo, na medida em que se tornou um instrumento de punição aos alunos, quando na verdade, deveria servir de suporte para a qualificação daquilo que acontece com o educando ajudando-o a alcançar seus objetivos.

(...) Na maioria das escolas, a ação do professor é limitada a transmitir e corrigir. O processo educativo se desenvolve através de momentos estanques, sem elos de continuidade, desconectados em termos de progressão na construção do conhecimento. (Hoffman, p. 69)

A avaliação é vista pelo professor como uma ação mediadora e impulsionadora de saltos mecânicos de um nível de conhecimento a outro.

No entanto, a ação avaliativa deve partir do fazer da criança, do jovem, objetivando encorajar os alunos a produção de um saber qualitativamente superior, pela oportunização de novas vivências, leituras ou quaisquer procedimentos enriquecedores ao tema em estudo. *“Torna-se, então, sumamente importante pelo professor das tarefas realizadas pelo educando em todos os graus de ensino.” (Hoffman, p. 78)*

O acompanhamento feito pelo professor das tarefas do educando não deve transforma-se numa atividade de pesquisar e reflexão sobre as soluções apresentadas pelo aluno, mas sim, favorecer a observação sobre os avanços na construção do conhecimento.

Contudo, o processo avaliativo deve ser uma oportunidade de demonstrar o que os alunos aprendem, o que sabem e o que podem fazer aplicando o conhecimento adquirido e o seu próprio. Portanto, é muito importante a qualidade da informação fornecida pela correção das atividades e trabalhos de aprendizagem para quem está aprendendo ou reprovar o aluno. Vejamos o que Mendez 2002 tem a nos falar sob esse pensamento: *“O ponto crucial está na qualidade e na clareza da informação que é dada aos alunos sobre a correção. Com ela,*

o professor deve contribuir para encontrar as soluções a tempo, antes que a reprovação anunciada seja cumprida". (p. 113).

A relevância das anotações e explicações é de que quem aprende melhora seu aproveitamento avança em seu desenvolvimento pessoal e enriqueça o seu processo de aprendizagem. Quanto mais informação com intenção formativa é oferecida a quem aprende mais, podendo aumentar a compreensão daquele que decide aprender. Por isso é que também é possível aprender com os erros. Sobre isso apresentamos mais uma vez as considerações de Mendez: *"Com os erros também se aprende quando a correção informa, significativamente, sobre as suas causas, transformada, ela mesma, em texto de aprendizagem."* (p. 114)

Sobretudo quando os erros são apenas qualificados, o professor desperdiça uma boa ocasião, com graves repercussões para quem aprende, de exercer seu magistério, que sempre visará à perspectiva e os interesses do aluno. Dentro desse contexto, Mendez ainda nos coloca que:

Quanto mais qualidade tiver a informação que é oferecida, mais poderá aumentar a qualidade da aprendizagem que parte da correção bem informada. Quanto menos qualidade tiver essa informação, menos poderá ajudar ou animar o sujeito a quem é dirigida tal informação (...). (p. 114)

Deve-se investir o conhecimento obtido para melhorar as práticas pedagógicas e conseqüentemente melhorar a aprendizagem de quem aprende. *"A avaliação e a informação na qual se baseia devem levar o professor a compreender o ponto de vista do aluno e tê-lo em conta no momento de tomar decisões (...)." (Alvarez Mendez, p. 115)*

Assim, dentro dessa colocação de Mendez consideramos que o professor deve sempre levar em conta a opinião do aluno, principalmente no momento de decidir aprová-lo ou reprova-lo, durante o ano letivo.

É importante ainda ressaltar que o dever de aprender que o aluno possui, seguiu-lhe também o direito de errar, quando o mesmo tenta desenvolver seu próprio pensamento. Analisemos essa perspectiva dentro dos apontamos de

Mendez: *“Penaliza-lo por atrever-se a comprometer seu pensamento com uma resposta própria é cortar pela raiz qualquer possibilidade de fortalecer e de configurar a autonomia intelectual de que precisa para conviver em sociedade dignamente.”* (p. 116)

Quando a resposta não está devidamente correta, a correção indicará o caminho adequado. Uma vez que a resposta é novamente elaborada com as indicações pertinentes dadas pelo professor.

Capítulo II

METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa exploratória. Nesse sentido, explorar significa investigar, oferecendo-nos uma primeira aproximação acerca dos objetivos os quais tratamos no nosso projeto de pesquisa, dessa forma se faz necessário a contribuição de esclarecimentos e estudos mais aprofundados sobre avaliação.

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno... (Gonsalves, p. 65)

Pretendíamos buscar as informações e dados desse trabalho através da pesquisa de campo, ou seja, através de um contato direto com os sujeitos da amostragem é que foi possível de fato fundamentar meu estudo com a população pesquisada.

(...) A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre e reunir um conjunto de informações a serem documentadas... (Gonsalves, p. 67)

Sendo assim, essa pesquisa de campo serviu como instrumento para a contextualização das idéias e informações coletadas nas escolas em que realizamos nosso trabalho. É importante observar que tais tipos de pesquisas utilizadas possibilitaram interpretações várias e pessoais da população como também do universo pesquisado, e que a ausência desses registros e documentações não permitiria um trabalho real e mais produtivo.

Um outro aspecto, é que nossa pesquisa é de caráter qualitativo, neste sentido buscamos compreender as causas, através da investigação do fenômeno estudado, considerando a teoria e a prática como abordagens da nossa análise, já que procuramos interpretar respostas advindas da própria prática das professoras. É por meio dessa pesquisa trataremos de analisar a forma que essas docentes utilizam para avaliar seus alunos e como é feito esse exercício avaliativo. "(...), a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas..." (Gonsalves, p. 68)

Em seguida, escolhemos o universo para o nosso estudo, formado por professoras de duas escolas públicas, uma municipal - Escola Municipal de 1º grau Clotário de Paiva Gadelha, localizada no bairro Guanabara na cidade de Sousa-PB, a qual atende turmas de primeira a quarta série, com um total de cinco turmas, sendo duas pela manhã e três à tarde, a escola é pequena, porém com espaço suficiente para as crianças que acolhe, a mesma é constituída por diretoria, biblioteca com dois computadores, televisão, vídeo, livros e alguns brinquedos paradidáticos, cantina, um salão para recreação, dois banheiros masculinos e dois femininos, seu corpo docente é formado por sete professoras e ainda nove auxiliares de serviço, duas agentes administrativas, duas merendeiras, quatro vigilantes, uma supervisora, uma secretária e a diretora. A outra escola pesquisada pertence a rede estadual - Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Sousa, atende crianças do pré-escolar a quarta série, possui quinze turmas, sendo nove pela manhã, três de educação infantil, três primeiras e três segundas, já a tarde funcionam seis turmas, três terceiras e três quartas. A escola é bastante ampla, com vinte e quatro dependências que se dividem em nove salas de aula, uma cantina, seis banheiros, uma biblioteca com televisão e vídeo, uma diretoria, uma secretária e três depósitos, um pátio e a sala das professoras, a mesma conta com vinte e oito funcionários, sendo quinze professores, um professor da sala de vídeos, uma supervisora, diretora, vice-diretora, uma merendeira, duas funcionárias para a biblioteca, duas para a secretaria, três auxiliares de serviço e um vigia.

Utilizamos para a coleta dos dados o questionário, o qual foi formulado com oito questionamentos subdividido em quatro objetivas e quatro subjetivas. Em seguida realizou-se por meio de estudos teóricos, reuniões e debates com as professoras que formam a amostragem de nosso universo e por último utilizamos o estágio que trouxe dados reais e concretos para nossas análises.

Foi, portanto através desses procedimentos que buscamos alcançar os objetivos delimitados no nosso trabalho, procurando formular um pensamento reflexivo sobre uma avaliação mediadora do conhecimento e da realidade.

Capítulo III

“Compreensão dos docentes acerca da avaliação”.

Nossa proposta nesta parte de nosso trabalho é oferecer uma reflexão sobre as considerações apresentadas pelas docentes da escola pública, no questionário.

Inicialmente questionamos às professoras sobre o significado primordial da avaliação em sua prática educativa. Diante dessa questão elas analisaram sua prática e colocaram a avaliação como uma resposta do progresso dos seus alunos, sobretudo um instrumento que afirma o resultado de um trabalho diário exercitado por estas docentes, objetivando o reconhecimento da aprendizagem dos alunos, como da própria prática das professoras, enquanto facilitadoras e mediadoras do saber. Vejamos, portanto o depoimento das professoras: *“Significa confirmar o suposto conhecimento ao aluno através do que lhe foi anteriormente ministrado, objetivando incute-lhe um aprendizado imprescindível e necessário.”* (L. C)

A partir do exposto, o depoimento das docentes nos aponta que a avaliação indica os resultados de um trabalho desenvolvido em sala onde as professoras podem ser orientadas pela avaliação como instrumento de informação de um conseqüente aprendizado ou de falhas no processo de ensino, objetivando o desejo de aprender dos alunos.

Indagamos sobre o objetivo da avaliação, e ressaltando esse assunto a maioria das professoras apresentou uma visão ampla, quando afirmam que o para uma avaliação construtiva, formativa é necessário analisar todo o processo do rendimento escolar, ou seja, o cotidiano da sala de aula, a metodologia, a didática aplicada, os procedimentos habituais requeridos pelas professoras aos alunos, como também trabalhar a partir dos conhecimentos extra-classes, da bagagem cultural do aluno, valorizando os desempenhos nas tarefas exigidas em sala. Com o objetivo de investigar e avaliar seus conhecimentos, sua aprendizagem, seu

desempenho mediante atividades e tarefas desenvolvidas em sala de aula, sua visão mediante conhecimentos externos. (M.J)

É possível analisarmos através dos seus depoimentos que o objetivo em avaliar está na relação que se estabelece entre professoras/alunos, já que não é possível para as professoras avaliar seus alunos, sem antes manter um breve contato com eles. Como também está na perspectiva de atuar na compreensão do que os alunos podem vir a saber/fazer, conhecer/transformar considerando a dinâmica ensino/aprendizagem. Sobre isso Esteban 1999 diz que: "(...) o professor procura compreender o que os alunos podem vir a saber/fazer, com vistas a desenhar uma ação docente que favoreça este processo." (p. 23)

Solicitamos ainda as professoras depoimentos sobre o que é possível conhecer em seus alunos através do processo de avaliação e, averiguamos que de um modo geral as docentes acreditam que a avaliação possibilita apreender o nível de conhecimento do aluno, a qualidade do ensino e a competência do professor.

A avaliação na verdade é processo que abrange todo este sistema, desde a conduta e aprendizagem do aluno ao resultado de trabalhos desenvolvidos e especialmente a qualidade do ensino e a competência do professor. (E. C)

Assim, esse pensamento concorda com a afirmação de Luckesi, quando o mesmo diz que:

A avaliação é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto... é uma ferramenta necessária ao ser humano no processo de construção dos resultados que planejou produzir, assim como o é no redimensionamento da ação. (Luckesi, p. 118)

Nos posicionando sobre o pensamento de Luckesi e das professoras, concordamos com suas abordagens quanto à avaliação como esse processo de construção da ação, da responsabilidade de produzir através do ato crítico possibilidades de aprendizagem e reflexões sobre a rotina escolar, procurando

descobrir, construir conhecimentos coletivamente a partir dos avanços já alcançados nas informações transmitidas, não se limitando a fracassos indesejados, mas se projetando na construção de um projeto que idealize uma avaliação emancipatória, inclusora.

Na questão que trata sobre os instrumentos avaliativos utilizados, as professoras demonstram que a melhor forma de avaliar seus alunos acontece no cotidiano escolar. Através do cotidiano escolar, pois as ações do aluno no seu dia nos dão uma noção do seu aproveitamento diário. (F.C)

Vale ressaltar que as professoras afirmam uma avaliação diária, observando o desempenho dos seus alunos em todas as atividades e tarefas produzidas em sala de aula. De um modo geral as docentes parecem seguir a linha de pensamento de Perrenoud, quando o mesmo afirma que: *"(...) não se pode deixar de fazer balanços periódicos das aquisições dos alunos. Eles são essenciais para fundamentar decisões de aprovação ou de orientação necessárias mais tarde."* (p. 43)

Dado o exposto, evidenciamos a importância de que as professoras possam ao final de cada período fazer uma avaliação justa frente aos desempenhos apresentados pelos alunos.

Questionamos outro aspecto avaliativo, acerca do nível de satisfação das professoras quanto ao método de avaliação que utilizam, todas mostraram-se satisfeitas. É satisfatório porque nos proporciona oportunidades de tentativas de aprimoramento nas estratégias cotidianas (F.C)

Como já mencionamos, as professoras pesquisadas compreendem a avaliação como um processo contínuo, que permite averiguar com mais facilidade as dificuldades dos seus alunos, podendo assim aprimorar suas estratégias de ensino.

Uma outra questão abordada foi sobre as condições necessárias para que o aluno deva ser aprovado. Nesse intuito as professoras responderam que seus alunos necessitam adquirir aptidão e habilidades exigidas na série que estão

cursando, visando atingir os objetivos almejados para assim seguir adiante na s séries seguintes.

Deveria ser aprovado de acordo com as mudanças demonstradas no seu dia-a-dia escolar, na participação ativa e vibrante ao desenvolver atividades e tarefas a eles confiadas, estando aptos a acompanhar a série seguinte. (M.C)

Em virtude do mencionado, acreditamos que essas professoras assumem um compromisso onde a avaliação aparece para apontar as lacunas e o desenvolvimento educacional, como a assimilação dos conhecimentos adquiridos pelos educandos que servem como suporte para a formação das habilidades, convicções e hábitos. Embora a avaliação não deixe de cumprir também seu papel técnico de verificação, classificação, no sentido que Luckesi nos relata:

...Provas/exames têm por finalidade, no caso da aprendizagem escolar, verificar o nível de desempenho do educando em determinado conteúdo (entendendo por conteúdo o conjunto de informações, habilidades motoras, mentais, convicções, criatividade, etc) e classifica-lo em termos de aprovação/reprovação...Assim sendo, essa prática exclui uma parte dos alunos e admite, como "aceitos", uma outra. Manifesta-se, pois, como uma prática seletiva. (p. 169)

Essas características da avaliação induzem sempre as professoras ao tradicionalismo, pois avaliar algo ou alguma coisa pressupõe sempre um conceito positivo ou negativo, dessa forma por mais inovadoras que tentem ser, as professoras vão estar sempre presas a herança da avaliação classificatória, que na verdade está enraizada a história avaliativa e educativa tornando-se por si próprias compatíveis com o senso comum exigido pela sociedade.

Transportando essa compreensão para avaliação do ensino público, indagamos se o método de avaliar das escolas públicas que as professoras lecionam como também as demais vai de encontro à realidade das crianças pobres que essas instituições atendem, ou seja, se as professoras da escola pública estão preparadas para trabalhar com uma educação que incentive o

educando a aprender, já que as oportunidades não são igualmente oferecidas em termos de educação e mercado de trabalho, não querendo destacar aqui uma possível exclusão, mas apenas relatando a realidade da vida social e procurando diante desse questionamento saber a opinião dessas docentes a respeito do exposto. Diante essa questão tivemos dois posicionamentos. Não, o nível do aluno dificulta a nossa avaliação. (F.C)

E ainda:

Sim, apesar da avaliação ser feita através de notas que mede o conhecimento do aluno em parte, temos também uma maneira qualitativa, onde a criança é vista como um todo em sua participação, criatividade, pontualidade e assiduidade escolar. (M.J)

Em relação a questão abordada tivemos a análise sob duas vertentes: as primeiras professoras que apontaram suas dificuldades em avaliar seus alunos, pois segundo elas seus alunos não apresentavam um bom nível de aproveitamento escolar, já a segunda vertente nos apresenta professoras que constroem através da participação, assiduidade, de dados qualitativos um redimensionamento da avaliação, tendo em vista o desenvolvimento do educando.

Visando sempre o crescimento dos educandos, apesar das dificuldades reafirmamos a análise da segunda vertente com o apontamento de Luckesi:

Creio que se tivermos em nossa frente a compreensão de que a avaliação auxilia a aprendizagem, e o coração aberto para praticarmos este princípio, sempre faremos bem a avaliação da aprendizagem, uma vez que estaremos atentos às necessidades dos nossos educandos, na perspectiva do seu crescimento. Então, estaremos fazendo o melhor para que eles aprendam e se desenvolvam. (Luckesi, 177)

Perguntamos também sobre o efeito da avaliação na formação dos alunos. E dentro desse eixo as respostas das professoras nos revelam que cada aluno apresenta uma reação diferente dentro de sua individualidade, devido principalmente ao lado emotivo que interfere nesse processo avaliativo, chegando a causar muitas vezes traumas e bloqueios nos educandos.

Os efeitos da avaliação são percebidos de maneiras diferentes, pois cada um reage de acordo com o lado emotivo, porque a forma de avaliar mexe muito com o lado emocional do mesmo e isso poderá causar bloqueio na hora de ser avaliado, seja através de provas escritas ou orais. (M.C)

Pelo exposto, constatamos a importância da questão emocional, a qual deve ser trabalhada pelo professor com ajuda dos pais e em casos específicos de bloqueios deve-se contar com ajuda de psicólogos e considerando esse efeitos avaliativos de acordo diferentes reações, vejamos o que Sacristán (1998) nos fala:

A projeção que a avaliação tem nas relações interpessoais no ensino, entre alunos e entre professores, com o acréscimo do fato de que muitos dos resultados chegam ao exterior, é algo evidente para qualquer observador da realidade escolar... A ânsia de se destacar, a recusa de ajudar os outros, dar "cola" ao companheiro num exame,... O êxito ou fracasso na avaliação é um valor que na relação que alunos e professores estabelecem entre si, porque seus resultados servem de referência na estruturação de relações sociais em geral... (Sacristán, p. 327)

Os efeitos avaliativos não se referem apenas ao aspecto psicológico do aluno, mas também, se projeta nos valores que os conteúdos de aprendizagem e cultura tem para os alunos. Consideramos a avaliação diagnóstica como um recurso pedagógico que reconhece o progresso dos alunos e o andamento dos processos de aprendizagem, buscando intervir em sua melhora e conseqüentemente não produzindo nenhum efeito negativo na formação dos educandos.

Capítulo IV

O desempenho docente na difícil tarefa de avaliar

Partimos então, para o nosso estágio supervisionado o qual acabou sendo trabalhado em duas escolas, pelo fato da não disponibilidade de tempo das professoras da Escola Municipal de 1º Grau Clotário de Paiva Gadelha. Por esta razão surgiu a necessidade de abrangermos o nosso trabalho em outro educandário, a Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Sousa, de primeiro momento essa ocorrência nos preocupou, porque a nossa proposta inicial seria na Escola Municipal, mas como surgiu a necessidade de procurarmos outra instituição para completarmos a carga horária do nosso estágio, realizamos o nosso projeto em duas escolas. Foi quando descobrimos o quanto seria produtivo as reflexões de professoras de escolas diferentes, de redes de ensino distintas, sendo uma municipal e outra estadual, para o nosso trabalho. Portanto de sete professoras, passou-se para quinze.

Na verdade, difícil foi descobrir a realidade dessas escolas com professoras obrigadas a reproduzir sistematicamente, com suas lacunas acadêmicas expostas. Assim dentro desse contexto, iniciamos a nosso primeiro encontro com relatos de práticas educacionais. O primeiro momento como grupo de professoras da Escola Municipal foi frustrante, de primeiro momento nos deparamos com pessoas formadas em nível superior, porém despreparadas, resistentes no sentido de buscar aprender e aprimorar sua aprendizagem pessoal, sem argumentos para questionar conosco os textos trabalhados, professoras que defendem suas práticas, criticam um currículo hegemônico, um sistema reprodutor, mas nunca tentam coloca-las em ação. Usam apenas sua auto-defesa, para que não sejam repreendidas. Embora existissem todos esses agravantes, depois que expomos nosso trabalho elas demonstraram interesse em nos ouvir e se esforçavam para participarem das discussões, sendo que esses fatores nos inquietaram e buscamos suprir esses problemas com esperanças de termos instigado nessas

docentes o desejo de aprender, inovar e de despertá-las para o nosso principal objetivo, refletir na construção de uma avaliação significativa, inclusora.

Já na Escola Estadual as professoras demonstraram verdadeiro interesse pelo nosso trabalho, o que nos trouxe um incentivo maior. Apesar de todas as dificuldades: falta de material didático; de recursos financeiros; de interesse próprio de alunos e pais em ajudar, encontramos educadoras conscientes do seu papel de mediadora e facilitadora do saber e, sobretudo mestras que apesar dos obstáculos caminham a favor das mudanças, de uma aprendizagem reconstrutiva, em busca de uma educação de qualidade favorável aos seus alunos, ou seja, trabalhamos com professoras que olham para frente, acompanhando a inesgotável arte de saber, aprender e praticar.

Como o nosso tema foi sobre avaliação, elucidamos assuntos que estendessem os nossos objetivos, onde trabalhamos oito encontros, sendo quatro em cada escola. Pudemos realmente discutir e conhecer a realidade que corresponde a prática de Avaliar no ensino público. Assim dentro dessa pragmática avaliativa, de encontros, de discursões de textos, de reflexão sobre a ação de avaliar no cotidiano escolar, foi que o nosso trabalho pode dispor de dados reais para nossas análises.

Estabelecemos uma ordem de importância de idéias em função do entendimento das professoras, a cerca dos temas elucidados, sob os quais colocamos a questão da avaliação. Iniciamos abordando "Pobreza e Educação". Onde analisamos a causa do fracasso escolar das crianças pobres. E constatamos as dificuldades da classe pobre na formação educacional através do relato das professoras.

*A maioria dos meus alunos vem para escola sem comer nada e passam o primeiro tempo inteiro perguntando quantos minutos faltam para merenda.
(F.N, Prof. da Escola Municipal)*

*Tem mães que forçam os filhos a vim estudar, devido a bolsa escola.
(F.C, Prof. da Escola Municipal)*

*Uma vez um aluno aqui da escola estava com tanta fome que lanchou oito bananas grandes e depois acabou passando mal em casa.
(G, Prof. da Escola Estadual)*

A partir dessa realidade, da fala e experiência cotidiana dessas educadoras que aceitamos o pressuposto de que é preciso e indispensável um esforço para reverter o quadro atual e colocá-lo em compasso as palavras de Pablo Gentili como expressões do retrato da escola pública brasileira:

(...) crianças vindas de famílias pobres são, em geral, as que tem menos êxito, se avaliadas através dos procedimentos convencionais de medida e as mais difíceis de serem ensinadas através dos métodos tradicionais. Elas são as que tem menos poder na escola, são as menos capazes de fazer valer suas reivindicações ou de insistir para que suas necessidades sejam satisfeitas, mas são, por outro lado, as que mais dependem da escola para obter sua educação. (Pablo Gentili, 1995, p. 157)

Continuamos em seguida analisando mais especificamente sobre “Reconceituando qualidade de ensino”, onde aferimos nas professoras a conscientização delas a respeito das mudanças sociais/políticas/culturais, aspectos que solidificam a estrutura da nossa sociedade, despertando ainda nas mesmas a reconstrução de conceitos tidos por elas como imutáveis.

Acreditamos que essas professoras superam o senso comum, onde a qualidade do ensino é verificada por dados numéricos registrados em diários, pois quanto a isto trabalhamos com educadoras conscientes do seu papel de instrutoras e avaliadoras, mas em contrapartida professoras que necessitam de uma reciclagem, de buscar aprender, se informar e de uma estrutura pedagógica voltada ao ensino de crianças carentes de afeto, de melhores condições de vida, ressaltando que estamos nos referindo aqui especificamente as professoras da escola municipal, já que as da rede estadual se encontram mais preparadas e alicerçadas, sem falar no interesse destas de se atualizarem, de buscarem uma formação continuada de saberes para si como também com seus alunos. Assim sendo, consideramos o pensamento das professoras:

“Nos esforçamos para ensinar aos nossos alunos, fazemos mágicas diante do que a escola possui, mas eles não tem interesse em aprender, às vezes nem escutam o que estamos falando”.

(F.C, Prof. da Escola Municipal)

A qualidade do ensino público não existe, porque o próprio sistema não contribui para isso, não temos tempo e nem ao menos condições de estudar, falta recursos na escola, falta incentivo do estado. Então se o próprio estado não oferece meios de qualidade o que nos resta? Trabalhar diante nossas possibilidades.

(M.C, Prof. da Escola Estadual)

Esta tomada de consciência sobre a realidade educacional que vivemos está enraizada no nosso sistema, que não oferece condições de acompanharmos os novos paradigmas e padrões estruturados por uma sociedade moderna em pleno desenvolvimento tecnológico.

A nossa proposta de compreensão da avaliação para com as professoras consiste na fenomenologia da aferição do aproveitamento escolar descrito por Luckesi 2002, ou seja, como a escola e conseqüentemente essas docentes operam, se é com verificação ou avaliação da aprendizagem. Quando trabalhamos essa questão da avaliação nos deparamos com educadoras que seguem o cronograma escolar sem utilizar as provas, testes como um instrumento de poder, persuasão, mas através de um processo contínuo de tarefas.

Nós não fazemos provas, aplicamos tarefas porque afinal temos que registrar as notas dos alunos, mas costumamos avaliar nossos alunos todos os dias em todos os momentos do cotidiano da sala de aula e não colocamos notas nas provas, mas conceitos como "Bom", "Parabéns", "Melhorar".

(F.N, Profª da Escola Municipal)

Essas educadoras não utilizam a avaliação para estabelecer uma relação de poder, de averiguação de saber, porém analisando mais a fundo podemos relatar que elas também não operam com avaliação da aprendizagem, porém discutindo isso mais a fundo chegamos a conclusão que utilizam a verificação e aqui concordamos com Luckesi quando ele é objetivamente claro e nos diz que:

O modo de trabalhar com os resultados da aprendizagem escolar sob a modalidade da verificação – reifica a aprendizagem, fazendo dela uma "coisa" e não um processo. O momento de aquisição do aproveitamento

escolar não é ponto definitivo de chegada, mas um momento de parar para observar se a caminhada está ocorrendo com a qualidade que deveria ter (...) . (...) A partir dessas observações, podemos dizer que a prática educacional brasileira opera, na quase totalidade das vezes, como verificação (...). (Luckesi, 2002, p. 94)

Essa prática de verificação muitas vezes é imposta pelo próprio sistema que obriga a escola/professor a cumprir um currículo elaborado, uma carga horária estipulada e semestres definidos que conduz o professor a uma linha reta sem espaço para inovação ou qualquer outro trabalho que ajude no aprendizado e crescimento dos educandos, mas como o próprio Luckesi nos mostrou não são todas as escolas/professores que operam com verificação. Portanto, vale ressaltar que a culpa não é somente do sistema, o professor é agente de mudanças, mesmo com toda opressão ainda existem educadores comprometidos com sua prática.

Neste percurso caminhamos na perspectiva de criar na avaliação um ato que levassem elas a refletirem sobre as reais necessidades dos educandos. Considerando essa reflexão, introduzimos uma análise sobre mudanças da avaliação e dentro desse eixo questionamos sobre o tipo de avaliação que normalmente utilizam nas escolas e se estas conduz com os padrões das crianças atendidas nas instituições que ensinam, logo argumentaram sobre o efeito da classificação sobre a formação dos alunos, do papel de serem professoras protagonistas de mudanças e ainda apontaram a importância das finalidades da avaliação e o papel do aluno nesse processo:

A situação da nossa educação é triste neste aspecto, porque já se tem em mente aprovar ou reprovar o aluno. O que é necessário é esquecido, as condições do aluno, suas dificuldades, comprometendo em ajudar os alunos a superarem os desafios, preparando-os para a vida".

(F.C, Profª da Escola Estadual)

Sabendo que toda a sociedade é atingida por esta classificação exclusiva e especificamente as classes menos favorecidas que diante sua condição social tem poucas oportunidades de se estabelecer e promover o que desejam por vários

motivos que as fazem muitas vezes desistirem no meio do caminho, razões que o educador Celso Vasconcelos coloca: "*Altos índices de reprovação e de evasão escolar, falta de motivação e incentivo de professores e alunos, uma sociedade desigual (...).*" (Celso Vasconcelos, Revista Mundo Jovem-jul/01, p.12)

Estabelecemos, então uma discursão sobre os procedimentos habituais de avaliação, obstáculos a mudanças das práticas pedagógicas, também realizadas como meio de ameaça e tortura para os alunos; onde os professores elaboram suas provas para provar e não auxiliar os alunos em sua aprendizagem ainda persegue o espírito formador das escolas. Quando falta o domínio da turma as professoras recorrem ao castigo, única forma, segundo elas, de controlar a turma, embora demonstrem saber que a avaliação é um recurso que deve servir como subsídio para acompanhar o aprendizado dos educandos, estas mestras recorrem a vários tipos de recursos avaliativos de maneira que os alunos não fiquem prejudicados. Vejamos a fala das professoras:

Apesar da falta de interesse de alunos e pais em ajudar e se fazer presentes na escola, nos dedicamos a essa avaliação formativa comentada no texto, pois muitas vezes o aluno perde o incentivo e sendo assim é dever nosso procurar formas, meios de despertar o interesse deles em aprender. E nesse caso a avaliação é um processo que vai nos ajudar a atingir nosso ideal, que é garantir a aprendizagem dos educandos. (M.J, Profª da Escola Estadual)

Tendo a clara idéia de que é possível trabalhar com a heterogeneidade, de forma que se procure conhecer todos e assim seja oferecido às mesmas oportunidades, devemos pensar a avaliação como Sacristán 1998:

(...) a ação de avaliar apresenta-se como uma competência profissional muito genérica que pode compreender práticas muito diversas, (...). (...) nas práticas dominantes no sistema educativo tudo parece muito mais simples; certamente é nas práticas de avaliação que os professores/as menos se questionam ou pensam antecipadamente as possibilidades que podem ter diante de si... Penetrar nas decisões que se tomam quando se produz inumeráveis pressupostos, crenças e valores que se entrecruzam nela.

(p. 303)

Ao analisar o significado e o valor da avaliação na prática, o professor não pode deixar de se entrelaçar nesse processo como uma pessoa que intervém, diferencia e se autocrítica, são os docentes modernos ou conservadores que devem adaptar-se a uma metodologia de experiência ambígua onde a avaliação seja casualmente um exercício diário.

Selecionamos a avaliação no cotidiano escolar para prosseguirmos a pauta anterior sobre avaliar respeitando a multiplicidade de saberes e a importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem. Assim, vejamos o que Cardinet 1986 entende por prática da avaliação:

A avaliação é reconhecida atualmente como um dos pontos privilegiados para estudar o processo de ensino-aprendizagem". Abordar o problema da avaliação supõe necessariamente questionar todos os problemas fundamentais da pedagogia. Quanto mais se penetra no domínio da avaliação, mais consciência se adquire do caráter enciclopédico de nossa ignorância e mais se põe em questão nossa certeza, ou seja, cada interrogação colocada leva a outras. Cada árvore se enlaça com outra e a floresta aparece como imensa. (p. 5)

Apesar da avaliação ser reconhecida como um mal necessário, ainda insistimos em uma avaliação quantitativa com uma forte tendência de classificar, provocando o fracasso dos alunos. Analisando o pensamento das professoras percebemos a preocupação delas quanto às mudanças que impedem o êxito dos alunos:

Fazemos avaliações diárias do nível de aprendizagem e motivação dos nossos alunos, acontece que a classe social que eles pertencem, a vida familiar desestruturada sem nenhuma perspectiva de melhora, faz com que eles fiquem totalmente desmotivados. A gente percebe no próprio comportamento deles a tendência de seguir o modelo dos pais na escola, não participam, são poucos os que cobram da gente. Assim o próprio sistema e a vida dos alunos refletem para o fracasso na vida escolar e social.

(B, Prof.^a da Escola Estadual)

Observamos esse texto de Esteban que nos parece bastante sintético quanto à fala das professoras:

O fracasso escolar se configura dentro de um quadro de múltiplas negações dentro as quais se coloca a negação da legitimidade de conhecimentos e formas de vida formuladas à margem dos limites socialmente definidos como válidos. A inexistência de um processo escolar que possa atender às necessidades e particularidades das classes populares, permitindo que as múltiplas vozes sejam explicitadas e incorporadas, é um dos fatores que fazem com que um grande potencial humano seja desperdiçado. (p. 8)

Sob o ponto de vista ético, acompanhamos o raciocínio de Esteban bem como das professoras, quando refletimos que a avaliação precisa ultrapassar o tradicionalismo e buscar uma ação inovadora baseada em parâmetros que estejam dentro da realidade de cada sala de aula, da conveniência e exigência dos alunos que educamos.

Ainda complementando o nosso estágio, consideramos uma análise que se fixa na séria problemática do processo de avaliação e nos mitos da promoção escolar. O nosso maior compromisso nessa experiência prática foi o de elucidar nessas professoras a importância da avaliação em todo o processo ensino-aprendizagem, como também o desempenho crítico e formativo de ser uma educadora. Sobre isto Perrenoud levanta uma questão de como o professor administrar sua própria formação contínua que têm sido colocadas a este respeito.

O exercício e o treino poderiam bastar para manter competências essenciais se a escola fosse um mundo estável. Ora, exerce-se o ofício em contextos inéditos, diante de públicos que mudam, em referência e programas repensados, supostamente baseados em novos conhecimentos, até mesmo em novas abordagens e novos paradigmas (...), o que ressalta o fato de que os recursos cognitivos mobilizados pelas competências devem ser atualizados, adaptados a condições de trabalho em evolução. (p. 156)

Este posicionamento de Perrenoud esclarece o nosso questionamento frente as professoras que estagiamos. Não restam dúvidas da importância de uma formação contínua, foi então a partir dessa abordagem que apresentamos o nosso último contato com essas professoras sintetizando os textos trabalhados através dos mitos levantados por Werneck, à promoção dos alunos pelo professor; os pais

não concordam que seus filhos passem sem uma aprendizagem significativa; quando o professor deve reprovar o aluno; trabalhar com turmas heterogêneas e a realidade da escola brasileira. Dado o exposto, observamos as opiniões das professoras sobre o papel e a função da escola/professor. *“A questão da reprovação é um fator muito sério, o professor não pode reprovar um aluno apenas por uma prova final, é preciso fazer um balanço de todo ano letivo.”* (F.N, Prof. da Escola Municipal)

É fácil perceber a indignação dessas professoras, quando comentam do desinteresse dos órgãos competentes em oferecer uma educação de qualidade. Educar é tarefa difícil, é trabalhoso, especialmente para os que mais necessitam, pois como já vimos é impossível trabalhar de forma igual com classes diferentes. Ensinar não é transferir conhecimentos, assim como avaliar não é mensurar o comportamento e nem medir os saberes. Na verdade a competência do professor está no seu interesse em aprender, em crescer, na dimensão ética de toda sua prática pedagógica.

Por fim, gostaríamos de finalizar com Paulo Freire, que nos mostra que aprender é construir, reconstruir, constar para mudar. A partir do exposto fica a esperança de que como educadoras possamos ser sempre empreendedores dessas mudanças.

Considerações Finais

Olhando bem este trabalho, ficamos alegres com o resultado, mesmo achando que poderíamos ter sido melhores, porém em virtude de todas as dificuldades que confrontamos, estamos agradecidas pela conclusão desse projeto.

A resistência das professoras da Escola Municipal de primeiro momento em nos aceitar e assim a necessidade de buscarmos outra instituição para estagiarmos, a questão do tempo que sempre insistia em atrapalhar o andamento do nosso trabalho, devido a maioria das professoras pesquisadas trabalharem mais de um expediente, além de outros problemas pessoais que nos afetaram durante esse período de realização do nosso trabalho.

Contamos com nossa perseverança para superarmos essas barreiras e continuarmos diante nossas condições, retificando que a concretização deste só foi possível porque contamos com o apoio das professoras e diretoras das escolas pesquisadas, como também com toda ajuda e paciência de nossa mestra Elzanir que nos incentivou e acompanhou a nossa trajetória.

Acreditamos estar colaborando através desse trabalho com a Pedagogia, ressaltando o contexto reconstrutivo da avaliação escolar em uma perspectiva onde o ato de avaliar não tenha uma conotação seletiva, mas se destine ao diagnóstico, tornando-se inclusora, aplicando e trabalhando-a de forma correta.

As contribuições que o estágio nos proporcionou foram muitas: um contato mais direto com educadoras que vivenciam todos os dias na prática o que nós estudamos na teoria nos enriqueceu em termos de experiências, informações concretas sobre o nosso objeto de estudo a avaliação, a realidade da educação pública, ou seja, foi através desse trabalho que podemos desenvolver nossa prática como supervisoras, atuando e aprendendo ao mesmo tempo. Buscando o

caminho certo, tentando assim compreender e praticar o ato de supervisionar com a responsabilidade que nos foi adquirida.

Assim, enquanto produzíamos o nosso trabalho e considerando todo esse estudo concordamos que a avaliação é um mecanismo de inclusão, já que a mesma se destina a diagnosticar, buscando uma melhoria para o aluno, para o professor, para a educação. Incluindo o aluno para a construção de uma aprendizagem construtiva onde o ato de avaliar sirva de subsídio para aluno e professor se auxiliarem e autocompreenderem em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Sem a pretensão de dar soluções preestabelecidas, abrimos aqui no nosso trabalho um espaço para uma passagem reflexiva entre professores, alunos, pais, escola e a sociedade de modo geral. Assim, a reflexão sobre a ação é um elemento essencial do processo de aprendizagem que constitui o percurso da formação educativa.

Referência Bibliográfica

DEMO, Pedro. **Ironias da educação: mudança e contos sobre mudança**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes; Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Ménago (org.)** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ESTEBAN, Maria Teresa (org.) **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LIMA, Adriana de O. **Avaliação escolar: julgamento ou construção?** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trab. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4ª ed. Art Méd, 1998.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória: desejo e teoria e a prática de avaliação e do currículo**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

WERNECK, Hamilton. **A nota prende, a sabedoria liberta**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

UNIVERSIDADE FEDE
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
R. PARANÁ

ANEXOS

Questionário

1º) Para você professor, qual o significado primordial da avaliação em sua prática educativa?

2º) Com qual objetivo você avalia seus alunos?

3º) A avaliação é um processo que reconhece:

- () A qualidade do ensino
- () A conduta e aprendizagem do aluno
- () A competência do professor
- () O resultado de trabalhos desenvolvidos
- () Outros

Especifique: _____

4º) A melhor maneira de avaliar seus alunos é através de:

- Testes
- Cotidiano escolar
- Pelas notas
- Pelo desempenho do aluno
- Outros

Justifique: _____

5º) O modelo de avaliação que você utiliza é:

- Satisfatório
- Muito satisfatório
- Pouco satisfatório
- Insatisfatório
- Outros

justifique: _____

6º) Em que condições o aluno deveria ser aprovado?

7°) O método de avaliar da sua escola é condizente com a classe social que seus alunos pertencem? Sim ou não? Justifique.

8°) Quais os efeitos da avaliação na formação dos seus alunos?

PAUTA - 7

Instituição: Escola Municipal de 1º Grau Clotário de Paiva Gadelha

Estagiárias: Leila Sucupira de Queiroga
Vitória Raquel de Oliveira

Data: 13/06/2003

Público: 09 professoras

Início: 13:00 **Término:** 18:00

Objetivo: Questionar sobre os efeitos da avaliação

Tema: Processo de avaliação
Mitos e Respostas na Promoção Escolar

- Explanação do tema: trabalhamos as perspectivas dos textos dentro do cotidiano escolar dos professores, com a utilização de cartazes e teatro de fantoches;
- Dinâmica: levamos algumas citações de Alvarez Mendez, pedimos para que elas escolhessem uma e explicitassem de acordo com o seu cotidiano escolar;
- Texto Reflexivo: Qualidade e Equidade
- Considerações Finais: Comentar a importância do compromisso em ser professor.
- Mostrar ao professor a importância que a avaliação representa para o aluno.